



Un análisis de la interdicción del estadio Engenhão en blogs periodísticos

Rafael Fortes¹

raffortes@hotmail.com

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Luiza Aguiar dos Anjos²

luizaaguiardosanjos@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Resumen

En marzo de 2013, un evento provocó debates sobre el legado dejado por los grandes eventos deportivos en Brasil: una interdicción del estadio Engenhão, ubicada en Río de Janeiro y construido para los Juegos Panamericanos en 2007. Este trabajo tiene como objetivo analizar textos en el tema, publicado en los medios de comunicación se centra en los blogs de deporte, 26/03/2013 al 17/06/2013. En la primera fecha, la municipalidad de Río de Janeiro anunció la prohibición; en el segundo, decidido a lanzar dirigido los trabajos en el techo del estadio. El texto presenta el universo de blogs analizados y reflexiona sobre el uso de esta herramienta de comunicación como corpus para la investigación científica. Las secciones siguientes analizan el material empírico, incorporándolo en el debate en dos temas: los grandes eventos deportivos y su legado; y la asignación de responsabilidades por lo sucedido y costos. Diferentes puntos de vista y temas fueron movilizados por los periodistas para describir, explicar, y especialmente criticar el evento. Ellos recurrieron a diversas formas de contexto para presentar posibles causas y consecuencias de la medida, y para hablar de las responsabilidades por el acto y la situación anterior; el escenario

¹ Professor do Departamento de Ciências Sociais e coordenador do Laboratório de Comunicação e História (Lachi – www.lachi.com.br). Atua também no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: raffortes@hotmail.com.

² Doutoranda em Ciências do Movimento Humano. Contato: luizaaguiardosanjos@gmail.com.



macro de candidatura, organización y realización de grandes eventos deportivos en la ciudad y en el país; los problemas de la administración del Estado y las entidades deportivas en Brasil, así como la forma negativa en la que los líderes de estas instituciones se ven a menudo por la población; las relaciones entre los contratistas y el gobierno.

Palabras clave: *megaeventos deportivos; internet; blog; fútbol; Rio de Janeiro.*

Abstract

In March 2013, an event sparked debates about the legacy of sports megaevents in Brazil: the closure of Engenhão stadium, located in Rio de Janeiro and built for the 2007 Pan American Games. This work aims to analyze texts on the subject, published in mainstream media blogs related to sport, from March 26, 2013 until June 17, 2013. On the first date, the City of Rio de Janeiro announced the ban; in the second, it determined the launch of the works in the stadium roof. The text presents a discussion over blogs and reflects on the use of this communication tool as corpus for scientific research. The following sections analyze the empirical material, incorporating it into the debate on two themes: the sports megaevents and their legacy; and the assignment of responsibilities for what happened and costs. Different views and topics were mobilized by journalists to describe, explain, and especially criticize the event. They resorted to various forms of contextualization to present possible causes and consequences of the measure, and to discuss the responsibilities by the act and the previous situation; the macro scenario of application, organization and implementation of sports megaevents in the city and in the country; the problems of state administration and sports entities in Brazil, as well as the negative way in which the leaders of these institutions are often seen by the population; the relationships between contractors and government.

Key Words: *sports megaevents; internet; blog; football; Rio de Janeiro.*





Un análisis de la interdicción del estadio Engenhão en blogs periodísticos

Rafael Fortes

raffortes@hotmail.com

Luiza Aguiar dos Anjos

luizaaguiardosanjos@gmail.com

1. Introdução

Em 30 de junho de 2007, foi inaugurado na cidade do Rio de Janeiro o Estádio Olímpico João Havelange, chamado popularmente de Engenhão.³ O equipamento foi construído por meio de financiamento público para sediar as competições de futebol e atletismo dos Jogos Pan-Americanos a se realizarem ainda naquele ano na capital carioca.

A organização desta competição fazia parte de um projeto mais amplo do governo brasileiro, que envolve também a realização da Copa de Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016. Há quem aponte que a promoção de tais eventos está em sintonia com ações em outros campos, sendo parte de uma estratégia de promoção internacional do Brasil como nova potência política mundial (Almeida e Marchi Junior, 2014; Rubio, 2010). Por exemplo, a ação militar no Haiti; o aumento do número de representações diplomáticas no exterior e a reivindicação de uma vaga permanente no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU); a articulação do BRICS (grupo de países composto por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) e o fortalecimento das relações com países da América do Sul, no sentido de reforçar o Brasil como uma liderança regional. Uma fala do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em discurso anunciando medidas de apoio à candidatura do Rio de Janeiro aos Jogos Olímpicos, parece evidenciar essa dinâmica. Ele afirmou que

³ O apelido deve-se à localização do estádio, situado no bairro Engenho de Dentro.



não se tratava de uma candidatura de “um país terceiro-mundista na busca de um espaço junto aos chamados países desenvolvidos”, reiterando que o Brasil “não é um paizinho qualquer”, já que “em qualquer quesito [...] está entre os 10 maiores países do mundo.” (LULA DA SILVA apud ALMEIDA e MARCHI JUNIOR, 2014).

Os insucessos em candidaturas olímpicas anteriores motivaram o plano de ter no Pan o exemplo de competência que contribuiria para a escolha do Rio pelo COI. Em texto escrito antes da decisão sobre a sede dos Jogos Olímpicos de 2016, embora bastante crítico⁴ em relação aos megaeventos esportivos, Mascarenhas (2009) afirmou:

Outro aspecto positivo para o Rio de Janeiro é o conjunto de instalações esportivas criado para o Pan 2007, amplamente considerado de alto nível. Ao mesmo tempo, este evento foi avaliado como uma experiência (logística) bem-sucedida, o que fortalece nossa candidatura. O próprio know-how adquirido com este evento nos habilita a realizar uma Olimpíada (p. 530).

A concretização desse projeto, com a escolha do Brasil e do Rio de Janeiro como sede desses megaeventos veio acompanhada de discursos laudatórios e otimistas, mas também de posicionamentos críticos e desconfiados.

Em março de 2013, um acontecimento acendeu os debates acerca dos legados deixados pelos megaeventos esportivos, e sobre a própria competência brasileira para realizá-los: a interdição do Engenhão. Este episódio teve três principais protagonistas: a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, financiadora da obra e proprietária (Curi, 2012),

⁴ Para o autor, “o Pan 2007 produziu (...) instalações esportivas de excelente nível, porém destinadas ao abandono” (p. 527) e seu planejamento foi caracterizado por “falta de transparência” e “autoritarismo”, além de haver consumido “3,4 bilhões de reais, o que representa oito vezes mais do que o inicialmente previsto, quando da candidatura da cidade em 2002” (p. 524).

as empresas responsáveis pela construção e o Botafogo de Futebol e Regatas, clube que se tornou gestor do estádio ao vencer a licitação aberta em 2007.

Esse trabalho tem como objetivo analisar textos que trataram desse tema, publicados em blogues de veículos de comunicação com foco no esporte, de 26/3/2013 a 17/6/2013. Na primeira data, a Prefeitura do Rio de Janeiro anunciou a interdição. Em 10/6/2013, através de decreto no Diário Oficial do Município, a Prefeitura determinou que o consórcio formado pelas empresas Racional, Delta e Recome e o consórcio Engenhão (formado por OAS e Odebrecht) deveriam começar as obras na cobertura do estádio.⁵ Concluindo o recorte temporal em 17/6/2013, uma semana após a publicação do decreto, acreditamos cobrir a maior parte dos textos divulgados sobre o assunto.

2. Aproximação teórica⁶

Passamos à discussão de algumas características deste universo, relacionando-as a trabalhos sobre a pesquisa sobre blogues em Comunicação. Em primeiro lugar, chama a atenção a pouca atenção ao esporte entre os autores que se debruçaram sobre o tema. Dos 140 trabalhos listados no estado da arte elaborado por Amaral, Recuero e Montardo (2009b), nenhum aborda o esporte, o qual tampouco é mencionado pelas autoras como um tema de investigação. Ele é mencionado apenas duas vezes em toda a obra (Amaral, Recuero e Montardo, 2009a).

A sociabilidade e as trocas proporcionadas pelos comentários são um dos aspectos destacados pelos estudiosos do tema (Amaral, Recuero e Montardo, 2009b). Optamos por não analisar os comentários dos leitores, por dois motivos: porque seu

⁵ CARDOSO, Cristiane. Prefeitura do Rio decreta início imediato de obras do Engenhão. *G1*, 10 jun. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/prefeitura-do-rio-decreta-inicio-imediato-de-obras-do-engenhao.html>>. Acesso em 8 jan. 2015.

⁶ A estrutura do texto obedece às determinações para submissão de trabalhos da AMIC. A maior parte da discussão bibliográfica está articulada com a análise do material empírico (item 4).



número total é reduzido e o conteúdo não nos pareceu promissor, em termos de fornecer subsídios para análise⁷; e porque vários blogues pesquisados não os permitem. Afirmamos isto tendo em conta que

De acordo com as mesmas autoras, a personalização também é considerada relevante pelos pesquisadores. Dos 41 blogues investigados, apenas dois eram claramente atribuídos a mais de uma pessoa. Considerando que todos estão hospedados nos sites dos veículos de comunicação em que os jornalistas trabalham, por um lado, na maioria dos casos o aspecto pessoal (no sentido de individual) se mantém; por outro, o mesmo não ocorre com a questão da personalização tal qual destacada pela bibliografia (Amaral, Recuero e Montardo, 2009b). Isto tanto pela estrutura padronizada (em geral, todos os blogues de um veículo têm o mesmo *layout*) quanto por possíveis constrangimentos e regras, tendo em vista se tratar de parte da atividade profissional (não se trata de escrever *qualquer texto, em qualquer linguagem, sobre qualquer assunto*). A característica de “redes sociais constituídas através das trocas de comentários e links” é nula ou quase nula. Quanto à visibilidade, os blogues se beneficiam de pertencerem a grandes empresas de comunicação (p. 37).

Como dissemos, os blogues estão vinculados aos sites de veículos e emissoras de comunicação nos quais trabalham os jornalistas que são seus autores. Observamos que seu conteúdo pode ser a mera reprodução do trabalho realizado em outras mídias – como no caso dos blogues que se limitam a reproduzir as colunas publicadas em um jornal diário, por exemplo –, textos originais, ou ambos. De qualquer forma, quando se trata de reprodução, é sempre de colunas (e não de reportagens, por exemplo), o que sugere que o espaço dos blogues é um pouco mais aberto a textos carregados de opiniões e com formato mais variado do que ocorre nos espaços jornalísticos regulares.

Do ponto de vista laboral e de classe, há que se pensar no que representa esta

⁷ Isto no que diz respeito ao universo específico que investigamos. Evidentemente, os comentários de leitores deixados em sites de notícias e blogues podem constituir rico *corpus* para análise.



nova tarefa para o profissional do jornalismo: frequentemente, uma nova tarefa em meio à rotina árdua das redações.⁸ O fato de alguns veículos terem dezenas de blogues em seus sites sugere que, no âmbito das grandes empresas de comunicação, essa ferramenta converteu-se em mais uma atividade imposta aos trabalhadores, sem a contrapartida de reajuste ou adicional no contracheque.⁹ Muito poderia ser dito quanto às condições de produção, o que foge ao foco deste artigo. Voltemos a ele.

3. Metodologia

A coleta do material se iniciou a partir de um levantamento em diversos sites de veículos de comunicação, buscando na lista de blogues e na editoria de esportes aqueles que pudessem ter conteúdo voltado para *bastidores* do futebol e/ou para cobertura do futebol fluminense. Em meados de 2014, visitamos os sites de emissoras de rádio AM da cidade do Rio de Janeiro e de grupos, veículos e emissoras de comunicação.

O objetivo foi encontrar blogues que: a) fossem vinculados a algum veículo ou emissora de comunicação; b) tivessem como foco o esporte (mais precisamente o

⁸ As afirmações deste parágrafo procedem também da observação de um de nós (Rafael Fortes) ao longo dos últimos 10 anos, que incluem conversas pessoais com amigos que trabalham ou trabalhavam em grandes redações.

⁹ Evidentemente, é possível que alguns jornalistas *gostem* de escrever nos blogues, apreciem a interlocução com os leitores, tenham um retorno positivo em termos de autoestima (em função dos comentários, do compartilhamento dos textos e das estatísticas de acesso) e de novas oportunidades profissionais etc. Desejamos, contudo, chamar a atenção para aspectos estruturais da incorporação desta ferramenta no âmbito das relações de trabalho sob um regime de exploração capitalista – aspecto em geral ignorado nos trabalhos científicos de Comunicação que tratam do tema, e também ausente das reivindicações e preocupações centrais das entidades de classe dos jornalistas brasileiros, cuja atenção, desde a virada do século, foi praticamente monopolizada pela luta pelo (re)estabelecimento da obrigatoriedade de diploma universitário específico para o exercício da profissão de jornalista. Por exemplo, embora apontem que “na Alemanha, *blogs* de jornalistas não são tão comuns como no Brasil (...)”. As razões para isso seriam a falta de tempo e de uma remuneração extra por esse trabalho, além da desconfiança e falta de conhecimento sobre o assunto”, Quadros e Sponholz (2006, p. 3) não discutem a questão.

futebol, o Rio de Janeiro e/ou a discussão de “bastidores” e política esportiva).¹⁰ Encontramos 41 blogues que se encaixavam nas duas categorias.¹¹ Eles estão distribuídos nos seguintes sites (o número de blogues de cada site está entre parênteses): ESPN/ESPN Brasil (12), Extra (1), Fox (9), O Globo (3), Lancenet (7), Rádio CBN (5), Rádio Globo (2) e Sportv (2).¹²

Os seguintes sites foram pesquisados e não continham blogues que se enquadrassem nas características mencionadas: Band Sports, O Dia, Rádio Bradesco Esportes, Rádio Band News, Rádio Manchete, Rádio Tupi. No site da Rádio Tupi, por exemplo, em tese há dois “blogs” de jornalistas (Eugênio Leal e Odilon Jr.), mas inexistente uma página onde seja possível visualizar uma sequência de postagens. No que diz respeito aos quatro principais portais, uma visita à lista de blogues evidenciou escassez de material que servisse à pesquisa: Globo.com não tem blogueiro que se dedique a esporte; IG tem apenas um blogue sobre “bastidores do futebol” (Blog do Jorge Nicola); Terra não tem blogueiros nem colunistas de esporte; UOL tem vários blogues sobre esporte, mas nenhum que se dedique ao Rio de Janeiro – parte dos blogues do UOL acabou incluída porque os jornalistas trabalham em emissoras ou veículos cujos sites constavam da amostragem (por exemplo, Juca Kfourri).

Dos 41 blogues, 18 tiveram ao menos um texto mencionando o fechamento do

¹⁰ Mesmo assim, diversos blogues foram excluídos, como aqueles que se dedicavam exclusivamente ao futebol praticado em outros países e continentes.

¹¹ A pesquisa tem uma série de *armadilhas*, referentes às idiosincrasias da organização da informação na internet: no site da ESPN, por exemplo, a lista de blogues do menu superior é diferente da disponível no menu do lado direito. Em cada blogue, fizemos o levantamento através de leitura da listagem de textos (*browse*) entrada a entrada, buscando-os por ordem cronológica de postagem, sem depender de mecanismo de busca. Os mecanismos de busca foram usados apenas nos casos em que inexistia a opção de *browse*, como nos blogues da Rádio CBN.

¹² De forma complementar, realizamos levantamento em cinco blogues de torcedores botafoguenses.



Engenhão. O universo investigado totalizou 54 textos.¹³

O material empírico pesquisado, em parte, foi escrito nos dias antecedentes e durante a Copa das Confederações (realizada entre 15 e 30/6/2013). Durante o período, discutiu-se bastante a infraestrutura do país, com foco não apenas naquela competição, mas na Copa do Mundo (que seria disputada um ano depois) e nos Jogos Olímpicos (2016). O Campeonato Brasileiro foi suspenso e a cobertura dos clubes – e do futebol do Rio de Janeiro – diminuiu bastante.

4. Resultados

4.1. Legado e megaeventos

O primeiro tema de discussão em torno dos legados diz respeito ao fato de o Engenhão ter sido construído para os Jogos Pan-Americanos de 2007. Ele é chamado de o “maior símbolo do ‘legado’ do Pan”¹⁴ e a “joia da rainha do Pan”¹⁵. Um dos artifícios usados foi lançar mão de ironia para apontar a contradição entre os problemas com os equipamentos construídos para aquele evento e o discurso ufanista das autoridades nos anos que o antecederam:

¹³ A não ocorrência de notícias em 23 blogs pode se explicar por três motivos principais: a) o blogue não continha uma seção *arquivo* que apresentasse cronologicamente os textos e/ou um mecanismo que permitisse busca por palavras-chave; b) o blogue contava com arquivo, mas não continha textos referentes ao período desejado e/ou havia sido criado após junho de 2013; c) o blogue continha arquivo e textos referentes ao período desejado, mas nenhum destes abordava o fechamento do Engenhão.

¹⁴ PRADO, Renato Maurício. Gigantes ou anões. *O blog do Renato Maurício Prado*, 02 abr. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/rmp/posts/2013/04/02/gigantes-ou-anoes-491855.asp>. Acesso em 29 mai. 2014.

¹⁵ MALIA, José Roberto. Engenhão, R\$ 380 mi: uma vergonha da pátria de chuteiras. E todos estão soltos! *José Roberto Malia*. 7 jun. 2013. Disponível em <http://espn.uol.com.br/post/334934_engenhao-r-380-mi-mais-uma-vergonha-da-patria-de-chuteiras-e-todos-estao-soltos>. Acesso em 16 jun. 2014.



Some-se a isso [à interdição do Engenhão] a informação de que a natação no Júlio Delamare também foi para o bebeléu, mais a demolição do Célio de Barros, assim como o fim do Velódromo, e eis que, como nunca, a três anos da Olimpíada brasileira, estamos formando uma cultura olímpica, como nos foi prometido pelo presidente do COB e do CoRio.¹⁶

O jornalista argumenta que, longe de se tratar de um caso isolado, o Engenhão faz parte de uma regra: a das promessas não cumpridas em relação à utilidade dos equipamentos esportivos construídos para o evento.¹⁷ Os exemplos citados de equipamentos esportivos inutilizados demonstram que a infraestrutura para a realização de um megaevento constitui necessariamente um legado positivo. Estruturas excessivamente grandes ou cujo uso não corresponde aos interesses da cultura local podem significar um problema por gerarem altos custos de manutenção, sem um retorno à altura para a comunidade (Jago et al., 2010). Esse problema, segundo Jago et al. (2010), pode ser evitado se a organização do megaevento for considerada dentro do plano de desenvolvimento a longo prazo da cidade, em que seus legados são cuidadosamente pensados dentro de um processo de planejamento. Os autores entendem, contudo, que isso raramente é feito e que é precisamente a organização em uma perspectiva de curto prazo – e com frequência pulando etapas por falta de tempo hábil – que faz com que os benefícios potenciais dos megaeventos raramente sejam alcançados.

O legado de um megaevento esportivo envolve uma série de aspectos além dos

¹⁶ COB é o Comitê Olímpico Brasileiro e CoRio é o Comitê Organizador Rio 2016. KFOURI, Juca. Parabéns, Brasil olímpico! *Blog do Juca Kfourir*, 27 mar. 2013. Disponível em: <http://blogdojuca.uol.com.br/2013/03/parabens-brasil-olimpico/>. Acesso em 01 ago. 2014.

¹⁷ Ver também LACERDA, Leandro. Legado Olímpico? *Blog Rio Olímpico*, 02 abr. 2013. Disponível em: <http://colunas.cbn.globoradio.globo.com/platb/rioolimpico/2013/04/02/legado-olimpico/>. Acesso em 01 ago. 2014.





equipamentos construídos ou reformados para a realização das competições, podendo ser tanto positivos quanto negativos (Girginov, 2011; Jago et al., 2010; Pampuch, Almeida e Marchi Junior, 2012).¹⁸

Colocando o ocorrido em um contexto amplo dos equipamentos construídos para os megaeventos no país, alguns blogues levantam a hipótese de os erros que levaram à interdição do Engenhão estarem se repetindo, pois naquele período muitas obras estavam em curso, sobretudo os relativos ao Mundial de 2014: “Quem garante que os estádios da Copa não estão sendo erguidos ou reformados da mesma forma?”¹⁹ O principal argumento apresentado para sustentar a hipótese é o fato de que as construtoras responsáveis pelo Engenhão estavam envolvidas em outras obras: “E o Maracanã? Não são os mesmos?”²⁰ Pressa e má realização foram comumente apontadas como “características”²¹ da construção do Engenhão que poderiam se repetir: “O Engenhão é mais um de tantos casos. Não um caso desastrado de engenharia. Mais um caso de falta total de zelo. E que se repete. Ontem, hoje e amanhã.”²²

Ainda no contexto dos megaeventos, criticou-se o fato de o estádio, apesar do custo de construção (ver próxima seção) e de se encontrar interdito para concerto

¹⁸ A discussão sobre legados é extensa e controversa. Para uma categorização dos possíveis legados positivos e negativos e uma discussão do assunto, ver os textos citados.

¹⁹ PRADO, Renato Maurício. Gigantes ou anões. *O blog do Renato Maurício Prado*, 02 abr. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/rmp/posts/2013/04/02/gigantes-ou-anoes-491855.asp>. Acesso em 29 mai. 2014.

²⁰ PENIDO, Luiz. Engenhão interdito vira mar de dúvidas. *Fala, Penido! O Garotão da Galera*, 26 mar 2013. Disponível em: <http://colunas.radioglobo.globo.com/luiz-penido/platb/2013/03/26/engenhao-interdito-vira-mar-de-duvidas>. Acesso em 21 jun. 2014.

²¹ CALÇADE, Paulo. Estádios da Copa podem repetir o fiasco do Engenhão. *Blog de Paulo Calçade*, 2 abr. 2013. Disponível em: http://espn.uol.com.br/post/320441_estadios-da-copa-podem-repetir-fiasco-do-engenhao. Acesso em 31 jul. 2014.

²² BECHLER, Marcelo. Que vergonha do Engenhão. *Blog do Bechler*. 28 mar. 2013. Disponível em: <http://colunas.radioglobo.globo.com/platb/marcelobechler/2013/03>. Acesso em 21 jun. 2014.



da cobertura, necessitar de outras obras para 2016:

Projetada para receber uma Olimpíada, a arena é chamada de estádio olímpico. [...] Mas para abrigar os Jogos de 2016 teria que passar por nova reforma, fora a questão da cobertura. Precisaria de mais lugares – pelo menos 12 mil –, além de equacionar a questão do estacionamento e do transporte público até o estádio e resolver seus problemas estruturais.²³

Um jornalista, especificamente, aprofundou esta discussão sobre *que obra* realizar, tendo em vista a necessidade de consertar a cobertura e também a ampliar a capacidade de público para a Olimpíada. Uma das possibilidades apresentadas foi que ambas fossem realizadas simultaneamente.²⁴

Um argumento frequentemente usado para ressaltar a gravidade do fechamento foi que o Engenhão se tornara o “principal palco do futebol carioca, desde o início das obras do Maracanã, em 2010”²⁵ e seu fechamento “deixa[ra] o Rio sem lugar decente para os jogos de seu campeonato.”²⁶ Em meio ao campeonato estadual, a capital ficou sem espaço adequado para as partidas entre os quatro principais clubes,

²³ JANCA. A interdição do Engenhão. *Bastidores – Copa e Olimpíada*, 27 mar. 2013. Disponível em: <http://blogs.lancenet.com.br/blogdojanca/2013/03/27/a-interdicao-do-engenhao/>. Acesso em 22 mai. 2014.

²⁴ CASTELLAR, Michel. COI, Maracanã e Engenhão. *Rio 2016*, 30 abr. 2013. Disponível em: <http://blogs.lancenet.com.br/rio2016/2013/04/30/coi-maracana-e-engenhao/>. Acesso em 29 mai. 2014. Este blogue foi o único a priorizar a discussão sobre a preparação do estádio para os Jogos Olímpicos, abordando, em outros três textos, a relação entre o conserto da cobertura e as obras para a Olimpíada.

²⁵ PUGLIESE, Sérgio. Engenhão em tempos de glória. *A pelada como ela é*, 28 mar. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/pelada/posts/2013/03/28/engenhao-em-tempos-de-gloria-491363.asp>. Acesso em 11 jun. 2014.

²⁶ MÁXIMO, João. O tal legado que tanto nos orgulha. *Blog de João Máximo*, 16 abr. 2013. Disponível em: < http://espn.uol.com.br/post/323301_o-tal-legado-que-tanto-nos-orgulha>. Acesso em 31 jul. 2014.

pois os maiores estádios em uso – São Januário²⁷ e Moça Bonita – não estavam autorizados pela polícia militar a receber clássicos.²⁸

Tal situação, problemática em si, foi considerada por alguns jornalistas ainda mais grave justamente por ser a cidade sede de competições internacionais e pelo volume de recursos gastos em equipamentos esportivos.²⁹ Tais textos inserem o fechamento do estádio e a situação produzida num contexto amplo de crise do futebol e da administração pública brasileiros. Esta possibilidade de contextualização e argumentação raramente existe no jornalismo diário – e é uma possibilidade interessante para os blogues.³⁰

Por outro lado, o *imbroglio* em torno do estádio também foi relacionado à qualidade do campeonato estadual de futebol profissional do Rio de Janeiro: “Era só o que faltava pra esculhambar de vez esse que é, com certeza, um dos piores campeonatos estaduais do Rio em todos os tempos”³¹; “O Carioca 2013 foi esquecível por vários motivos: inchaço habitual, baixo nível técnico, estádios vazios, interdição do

²⁷ PENIDO, Luiz. Engenhão interditado vira mar de dúvidas. *Fala, Penido! O Garotão da Galera*, 26 mar 2013. Disponível em: <<http://colunas.radioglobo.gloradio.globo.com/luiz-penido/platb/2013/03/26/engenhao-interditado-vira-mar-de-duvidas>>. Acesso em 21 jun. 2014.

²⁸ Muitos jogos, inclusive as semifinais e final do campeonato, foram transferidos para o Estádio Raulino de Oliveira, em Volta Redonda.

²⁹ BENJA. Imaginem o que virá pela frente. *Papo com Benja*, 27 mar. 2013. Disponível em: <http://blogs.lancenet.com.br/benja/2013/03/27/imaginem-o-que-vira-pela-frente/>. Acesso em 29 mai. 2014.

³⁰ Para aprofundar a investigação, seria necessário explorar as condições de produção dos blogues, conforme dito no item anterior.

³¹ PRADO, Renato Maurício. Era só o que faltava. *O blog do Renato Maurício Prado*, 26 mar. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/rmp/posts/2013/03/26/era-so-que-faltava-491249.asp>. Acesso em 29 mai. 2014. O texto data do início de junho de 2013, mês que ficou conhecido com o das “jornadas” de junho, protestos de variadas características realizados em dezenas de cidades do país.

Engenhão (...)"³². Renato Mauricio Prado lançou mão de ironia, sugerindo que, “com o Engenhão interditado e o estádio do Volta Redonda rachado, periga a final do Estadual ser disputada no Aterro do Flamengo, como preliminar do clássico entre os garçons do Porcão e os do Belmonte. Dá-lhe, Rubinho!”³³

Outros sugeriram que o objetivo da construção fora auxiliar a candidatura da cidade a receber os Jogos Olímpicos:

O Estádio Olímpico João Havelange, nomenclatura apropriada, custou R\$ 400 milhões para uma só missão: ajudar o Rio de Janeiro a ser sede das Olimpíadas. Se tudo se desintegrar menos de seis anos depois, não tem problema.

Talvez até já estivesse combinado.³⁴

O trecho permite pensar a decisão de erguer tal equipamento esportivo – e de fazê-lo nas condições e da forma como se fez – como um meio, e não um fim. De acordo com esta perspectiva, não haveria motivo algum para surpresa, pois os resultados eram coerentes com os objetivos: produzir um *continuum* de gastos, que incluiria novas obras para a Olimpíada no Engenhão (reformado entre 2013-2015) e no

³² ROCHA, André. Botafogo: campeão incontestável do Rio e pronto para o salto nacional. *Olho Tático*, 5 jun. 2013. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/post/327560_botafogo-campeao-incontestavel-no-rio-e-pronto-para-o-salto-nacional>. Acesso em 27 jul. 2014.

³³ O Aterro do Flamengo abrange o maior parque do município, tem vários campos de futebol e é um tradicional local de *peladas* e de campeonatos amadores, inclusive de trabalhadores de bares e restaurantes. Porcão e Belmonte são, respectivamente, redes de churrascarias e de bares e contam com unidades próximas ao Aterro. “Rubinho” é Rubens Lopes da Costa Filho, presidente da Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro. PRADO, Renato Maurício. E o vento levou... *O blog do Renato Mauricio Prado*, 29 mar. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/rmp/posts/2013/03/29/e-vento-levou-491501.asp>. Acesso em 29 mai. 2014.

³⁴ KFOURI, André. Camisa 12. *Blog dos colunistas*, 29 mar. 2013. Disponível em: <http://blogs.lancenet.com.br/andrekfouri/2013/03/29/camisa-12-137/>. Acesso em 22 mai. 2014.



Maracanã (fechado para reformas entre 2010 e 2013).³⁵ As obras parecem atender a necessidades de competições internacionais pontuais, sem um planejamento de uso eficiente, a longo prazo, desses equipamentos e dos próprios recursos públicos (Curi, 2009).

4.2. Responsabilidade e custos

A discussão sobre a responsabilidade pelos problemas do estádio aparece vinculada a outros dois aspectos: os acontecimentos anteriores e os custos.

Interditado desde 26 de março, o Engenhão ficará fechado, para reformas, durante um ano e meio, a partir do início das obras. É a confirmação de um escândalo do tamanho do estádio. Que estourou o orçamento original absurdamente (de R\$ 60 milhões saltou para R\$ 380 milhões) e nem sequer foi bem feito.³⁶

Chamamos a atenção para dois pontos. Em primeiro lugar, o lugar central que a menção ao custo ocupa na argumentação: tal como vários textos pesquisados, este aponta a discrepância entre os valores do orçamento inicial (R\$ 60 milhões) e do custo final (R\$ 380 milhões).³⁷

Longe de ser um caso isolado, a atualização de custos de arenas esportivas construídas ou reformadas nos últimos anos tornou-se um padrão. Damo e Oliven

³⁵ JANCA. Cariocas itinerantes. *Bastidores – Copa e Olimpíada*, 13 abr. 2013. Disponível em: <http://blogs.lancenet.com.br/blogdojanca/2013/04/13/cariocas-itinerantes/>. Acesso em 22 mai. 2014.

³⁶ PRADO, Renato Maurício. Vergonhão (2 clichê). *O blog do Renato Maurício Prado*, 09 jun. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/rmp/posts/2013/06/09/vergonhao-2-cliche-499541.asp>. Acesso em 29 mai. 2014.

³⁷ Praticamente todos mencionaram os mesmos valores, embora nenhum cite a fonte das informações.





(2013), comparando os custos dos estádios para a Copa estimados em 2009 (quando da definição das cidades-sede) e em abril de 2013, evidenciaram um significativo aumento em dez dos onze equipamentos³⁸ - em alguns casos, superior a 100%³⁹. Os autores levantam a possibilidade de que os valores iniciais tenham sido deliberadamente subestimados a fim de evitar a ira popular. A idoneidade de tais correções também é vista com desconfiança, pois as empresas que realizaram as obras são tradicionais prestadoras de serviços dos governos e têm longo histórico de financiamento de campanhas políticas (Damo e Oliven, 2013).

No trecho citado, tanto o gasto muito além do orçado quanto a obra mal executada são vistos como uma forma de desperdício de dinheiro público. Argumenta-se que, se o alto custo e o superfaturamento são um problema *absoluto*, com a interdição se tornaram também um problema *relativo*: gastou-se tal valor num estádio que “nem sequer foi bem feito”. Houve ainda textos que remeteram aos discursos de dirigentes políticos e esportivos que prometiam que os estádios seriam construídos com dinheiro privado.⁴⁰

Paralelamente à desconfiança relativa à honestidade dos orçamentos, existe uma crítica anterior às altas cifras empreendidas para a realização de megaeventos no Brasil, sobretudo Pan, Copa do Mundo e Jogos Olímpicos. Analisando tais contestações, Damo e Oliven (2013) defendem que, mais do que uma posição de ordem econômica, essa questão parece ser de cunho moral. Tomando as críticas aos valores

³⁸ O campeonato teve doze cidades-sede. No caso de São Paulo, não foi possível comparar as estimativas da Arena Corinthians, visto que em 2009 esperava-se que o Morumbi recebesse os jogos.

A Arena Amazonas foi a única cuja estimativa de 2013 – 415 milhões de reais – é inferior à de 2009 – 500 milhões.

³⁹ Casos da Arena Castelão (Fortaleza) e do Estádio Beira-Rio (Porto Alegre).

⁴⁰ JANCA. Pra frente Brasil. *Bastidores – Copa e Olimpíada*, 09 jun. 2013. Disponível em: <http://blogs.lancenet.com.br/blogdojanca/2013/06/09/pra-frente-brasil/>. Acesso em 22 mai. 2014.



empreendidos nas construções e reformas dos estádios, os autores argumentam que, ao contrário do que defendem alguns argumentos contestatórios, tais cifras dificilmente promoveriam mudanças significativas em áreas em que o Brasil apresenta graves problemas. Assim, a questão parece partir notadamente de uma percepção generalizada de que os investimentos realizados são concentrados e definidos por uma elite econômica e política que, por sua vez será a maior beneficiada pelo evento.

Tal como outros, um jornalista formulou perguntas:

Como é possível que um estádio construído há menos de sete anos apresente problemas estruturais? O que dizem a Odebrecht e a OAS, responsáveis pelo consórcio que ergueu a obra? O que dizem os dirigentes do Botafogo, responsáveis pela manutenção do Engenhão?⁴¹

Destacamos quatro pontos nesta citação. Primeiro, o destaque dado ao tempo decorrido entre a inauguração e a interdição do estádio, aspecto presente em vários textos, como este: “(...) falamos sobre a polêmica interdição do *ainda novo* Estádio João Havelange, o popular Engenhão. Após *apenas* seis anos de sua inauguração, o estádio *já* tem graves problemas em sua estrutura (...)” (grifos nossos).⁴² Os termos grifados chamam a atenção para o lapso temporal entre os dois acontecimentos, considerado curto pelos autores.

Segundo, creditar uma parcela de responsabilidade aos dirigentes do Botafogo, algo raro até nos textos que abordam os impactos para o clube (ver item 3.4).

Terceiro, a atribuição clara de responsabilidade às empreiteiras que integravam

⁴¹ PRADO, Renato Maurício. Era só o que faltava. *O blog do Renato Maurício Prado*, 26 mar. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/rmp/posts/2013/03/26/era-so-que-faltava-491249.asp>. Acesso em 29 mai. 2014.

⁴² SENA, Ian. Festival no Engenhão europeu. *A pelada como ela é*, 4 abr. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/pelada/posts/2013/04/04/festival-no-engenhao-europeu-492063.asp>. Acesso em 11 jun. 2014.



o consórcio que realizou a construção.

Quarto, o uso de perguntas como recurso para discutir os assuntos. Esta prática pareceu-nos particularmente presente em blogues de jornalistas de destaque, como Renato Maurício Prado e Luiz Penido.⁴³ Por um lado, o conteúdo e a maneira como as perguntas são formuladas sugerem que tais jornalistas ocupam um lugar de destaque, de quem pode fazer críticas às vezes contundentes, num espaço editorializado.⁴⁴ Este tipo de posicionamento explícito raramente se dá nos espaços noticiosos regulares – e, quando ocorre, não é por parte de jornalistas novatos. Além disso, formular perguntas pode ser uma estratégia para realizar as críticas de um modo menos explícito, evitando fazer afirmações (que poderiam ser interpretadas como acusações, gerar processos judiciais contra o autor etc.). Por outro, esta prática dá o que pensar em relação ao próprio ofício jornalístico. Afinal, ao que parece, as perguntas lançadas ao ar não chegam a ser feitas (nem pelos jornalistas-blogueiros, nem pelos repórteres dos veículos em que trabalham) a quem poderia e caberia respondê-las, para depois se apresentar o resultado ao público. Nisso consiste, em parte, o próprio *fazer* jornalístico, como indica outro texto: “Não sou engenheiro e nem advogado especialista. Não sei fazer outra coisa além de ouvir as partes envolvidas do que, na minha opinião, é um escândalo no Rio de Janeiro.”⁴⁵ A afirmativa sugere que os conhecimentos técnicos necessários para travar uma discussão aprofundada não são dominados pelos jornalistas, a quem caberia *ouvir* os especialistas. Em todas as passagens que

⁴³ PENIDO, Luiz. Engenheiro interditado vira mar de dúvidas. *Fala, Penido! O Garotão da Galera*, 26 mar 2013. Disponível em: <<http://colunas.radioglobo.globo.com/luiz-penido/platb/2013/03/26/engenhao-interditado-vira-mar-de-duvidas>>. Acesso em 21 jun. 2014.

⁴⁴ Os textos do blogue de Prado muitas vezes são reproduções de sua coluna no diário *O Globo*; o mesmo ocorre com o *Blog dos Colunistas* do diário *Lance*, entre outros.

⁴⁵ BECHLER, Marcelo. Que vergonha do Engenheiro. *Blog do Bechler*. 28 mar. 2013. Disponível em: <<http://colunas.radioglobo.globo.com/platb/marcelobechler/2013/03>>. Acesso em 21 jun. 2014.





apresentaram esta contraposição de tipos de conhecimento, o argumento se assemelhava: o fato de não deter o *saber* necessário para discutir as questões técnicas de forma alguma impedia que o jornalista *percebesse o que estava acontecendo*. Houve momentos em que se afirmou que *qualquer um* poderia abordar o assunto:

É necessário ter conhecimento técnico para tratar de projetos, equívocos, fissuras, riscos de desabamento. Não temos essa pretensão. Mas para falar de superfaturamento, obras apressadas, pressão política e chuva de dinheiro público durante o processo, basta ser curioso.⁴⁶

É importante destacar a opacidade que reveste a maior parte da produção jornalística: raramente o jornalismo brasileiro discute seu próprio papel. Além disso, nas ocasiões em que isto acontece, geralmente os jornalistas apresentam argumentos em torno da especificidade da profissão, do saber técnico e/ou da formação (Albuquerque e Soares, 2004; Fortes e Albuquerque, 2006). Raramente, como neste caso, argumentam que a tarefa de abordar os assuntos pode ser realizada por qualquer pessoa que dotada de curiosidade.

Autoridades governamentais e esportivas também foram bastante criticadas:

A cada dia que passa são revelados mais “podres” do Engenhão — reportagem do Globoesporte.com denuncia material de construção vagabundo; sistema elétrico deficiente; parte hidráulica em condições deploráveis; telões de quinta categoria e por aí vai. Quanto mais se mergulha na nebulosa história da construção do maior símbolo do “legado” do Pan, mais se evidencia a escandalosa irresponsabilidade de nossos políticos e dirigentes esportivos.⁴⁷

⁴⁶ KFOURI, André. Camisa 12. *Blog dos colunistas*, 29 mar. 2013. Disponível em: <http://blogs.lancenet.com.br/andrekfouri/2013/03/29/camisa-12-137/>. Acesso em 22 mai. 2014.

⁴⁷ PRADO, Renato Maurício. Gigantes ou anões. *O blog do Renato Maurício Prado*, 02 abr. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/esportes/rmp/posts/2013/04/02/gigantes-ou-anoes-491855.asp>. Acesso em 29 mai. 2014.





Contudo, a ampla maioria dos textos fica no plano das críticas e constatações genéricas. Os únicos que apresentaram dados e os contextualizaram de forma a sustentar a argumentação foram os de Paulo Vinicius Coelho. Por exemplo, abordando o papel das empreiteiras nas obras do Engenhão e do Maracanã:

OAS e Odebrecht assumiram a construção justamente no momento de fazer a cobertura, porque a Delta assumiu sua incapacidade de fazer essa parte da obra. Na época, não havia incapacidade financeira da construtora.

Reportagens indicam que desde [o ano 2000 a Delta foi beneficiada por obras do governo do Estado que chegaram a R\\$ 2 bilhões](#). A Delta saiu do Engenhão justamente no momento de levantar a cobertura, por admitir sua incapacidade para tocar a obra! E, mesmo assim, participou com 30% do consórcio da reforma do Maracanã, do qual anunciou sua saída também antes da conclusão, em abril do ano passado!

Se a Delta desistiu do Engenhão antes de sua conclusão, como ninguém discutiu sua entrada no consórcio do Maracanã?! A resposta é óbvia, passa pelas relações políticas o que torna tudo mais absurdo quanto mais se pensa a respeito.⁴⁸

O texto apresenta questões que não apareceram em qualquer outro e aponta a ingerência entre relações políticas e comerciais como um problema. Ou seja, a interdição possibilita o aparecimento de denúncias sobre questões que não dizem respeito especificamente às falhas da construção, mas às articulações entre governantes e empresários que envolveram esta e outras obras no estado do Rio de Janeiro. Além disso, apresenta dados e posições – como afirmar claramente que a

⁴⁸ COELHO, Paulo Vinicius. A irresponsabilidade no caso Engenhão é fácil de localizar. A Delta não tem nada a ver com isso? *Blog de Paulo Vinicius Coelho*, 27 mar. 2013. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/post/319120_a-irresponsabilidade-no-caso-engenhao-e-facil-de-localizar-a-delta-nao-tem-nada-a-ver-com-isso>. Acesso em 30 jul. 2014.

construtora Delta⁴⁹ recebera recursos públicos bilionários e posteriormente abandonara a obras dos dois estádios antes da conclusão, alegando incapacidade financeira –⁵⁰ que não aparecem de forma clara em outros textos.

Alguns textos apontaram a dificuldade de identificar os responsáveis: “impossível atribuir responsabilidade com certeza à Engenharia, à Arquitetura, à Prefeitura ou ao Botafogo”⁵¹. A maioria cobrou que isto fosse feito, com a subsequente aplicação de punições, embora muitos desacreditassem que de fato providências seriam tomadas e alguém chegaria a ser condenado pela Justiça: “Isto posto, segue o baile: até agora, os nobres portões de Bangu 1 não se abriram para recepcionar pelo menos um dos muitos gênios que levantaram a faraônica obra com o seu, o meu, o nosso rico dinheirinho.”⁵²

⁴⁹ De acordo com outro texto: “É evidente que deve haver responsáveis entre as empreiteiras ligadas ao Encrocão. Odebrecht, OAS e, obviamente, a Delta. Delta do amigo do poder Fernando Cavendish, aquele do guardanapo na cabeça num restaurante parisiense, protagonista, ao lado do governador Cabral, de uma das cenas mais cafajestes da nossa recente história política.” André Kfourri se refere ao *escândalo político* causado pela divulgação de fotografias em que o então governador do Rio de Janeiro, Sergio Cabral Filho, e autoridades políticas importantes do estado apareciam ao lado do empresário citado (dono da construtora Delta) divertindo-se em um restaurante, com guardanapos amarrados às cabeças. As imagens foram divulgados originalmente no blogue de Anthony Garotinho, político fluminense adversário de Cabral. KFOURI, André. Camisa 12. *Blog dos colunistas*, 29 mar. 2013. Disponível em: <http://blogs.lancenet.com.br/andrekfourri/2013/03/29/camisa-12-137/>. Acesso em 22 mai. 2014. CATOIRA, Edgard; LOCATELLI, Piero. A nova dança de Sergio Cabral. *Carta Capital*, 3 mai. 2012. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/a-nova-danca-de-sergio-cabral>>. Acesso em 20 jan. 2015. GAROTINHO, Anthony. Exclusivo! Cabral, Cavendish e secretários dançam na ‘boquinha da garrafa’ no Hotel Ritz, em Paris. *Blog do Garotinho*, 27 abr. 2012. Disponível em: <<http://www.blogdogarotinho.com.br/lartigo.aspx?id=10740>>. Acesso em 20 jan. 2015.

⁵⁰ O texto faz algo raro: citar uma fonte (com link) de um veículo de comunicação – *Carta Capital* – que não pertence à empresa/grupo em que o jornalista trabalha.

⁵¹ COELHO, Paulo Vinícius. A irresponsabilidade no caso Engenhão é fácil de localizar. A Delta não tem nada a ver com isso? *Blog de Paulo Vinícius Coelho*, 27 mar. 2013. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/post/319120_a-irresponsabilidade-no-caso-engenhao-e-facil-de-localizar-a-delta-nao-tem-nada-a-ver-com-isso>. Acesso em 30 jul. 2014.

⁵² MALIA, José Roberto. Engenhão, R\$ 380 mi: uma vergonha da pátria de chuteiras. E todos estão soltos! *José Roberto Malia*. 7 jun. 2013. Disponível em

Em raros casos, cobrou-se explicações em relação à situação imediatamente anterior ao fechamento: “Mas e os motivos de acontecer só agora? As autoridades não estão isentas de responsabilidade e de explicações ao público que colocou sua cabeça lá embaixo, e correu riscos de um eventual acidente (...)”.⁵³

A decisão da Prefeitura recebeu diferentes avaliações, que agrupamos em três categorias:

a) Referendar a recomendação da empresa e do prefeito: “A prefeitura do Rio determinou a interdição do Engenhão sob a mais incontestável argumentação (...). Se o risco de desabamento, por menor que seja, foi detectado, não existia outra alternativa. É interditar e ponto final.”;⁵⁴ “Antes de mais nada, quero deixar claro que apoio totalmente a atitude do prefeito Eduardo Paes.”⁵⁵

b) Criticar frontalmente a posição: “O prefeito agora fala grosso. Sabia de tudo, sempre soube. Há tempos recebeu relatório dando conta que o ‘modelo matemático utilizado para calcular a estrutura do teto não se cumpre’. Deixou rolar.”⁵⁶ Alguns textos afirmaram ou sugeriram que a interdição poderia ter sido indevida. Para tanto,

<http://espn.uol.com.br/post/334934_engenhao-r-380-mi-mais-uma-vergonha-da-patria-de-chuteiras-e-todos-estao-soltos>. Acesso em 16 jun. 2014.

⁵³ PENIDO, Luiz. Engenhão interditado vira mar de dúvidas. *Fala, Penido! O Garotão da Galera*, 26 mar 2013. Disponível em: <<http://colunas.radioglobo.globo.com/luiz-penido/platb/2013/03/26/engenhao-interditado-vira-mar-de-duvidas>>. Acesso em 21 jun. 2014.

⁵⁴ PENIDO, Luiz. Engenhão interditado vira mar de dúvidas. *Fala, Penido! O Garotão da Galera*, 26 mar 2013. Disponível em: <<http://colunas.radioglobo.globo.com/luiz-penido/platb/2013/03/26/engenhao-interditado-vira-mar-de-duvidas>>. Acesso em 21 jun. 2014.

⁵⁵ CASTELLAR, Michel. A cobertura do Engenhão. *Rio 2016*, 30 mar. 2013. Disponível em: <http://blogs.lancenet.com.br/rio2016/2013/03/30/a-cobertura-do-engenhao/>. Acesso em 29 mai. 2014.

⁵⁶ CASTRO, Lúcio de. Odorico, Paes, Cabral, Nuzman, o estádio que honra o nome e um documentário definitivo. *Blog de Lúcio de Castro*, 26 mar. 2013. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/post/319097_odorico-paes-cabral-nuzman-o-estadio-que-honra-o-nome-e-um-documentario-definitivo>. Acesso em 31 jul. 2014.

três argumentos foram mobilizados:⁵⁷ 1) Os detentores do Maracanã teriam vantagens em função da interdição; 2) Ventos de 90km/h haviam ocorrido no Rio de Janeiro sem provocar dano nos arcos (segundo alguns textos, o laudo que deu sustentação à interdição afirmava haver risco de queda com ventos de velocidades inferiores); 3) Apresentação de um relatório da Abace (Associação Brasileira de Engenharia e Consultoria Estrutural) que rechaça o relatório apontando risco da estrutura do Engenhão.⁵⁸

c) Criticar os problemas do estádio, mas admitir que, no curto prazo, a interdição era a única saída: “Pelo menos descobrimos antes que caísse que a cobertura do estádio João Havelange [...] estava condenada”.⁵⁹

Percebemos em grande parte do material analisado um sentimento de desconfiança e descrença com relação à competência e honestidade dos dirigentes responsáveis pela gestão tanto estatal quanto das entidades esportivas nacionais. A interdição do Engenhão é vista como um sintoma de uma já conhecida administração problemática das instituições. Alguns autores generalizam:

O que é desesperador em relação ao escândalo do Engenhão – mesmo no país dos escândalos semanais, este merece a qualificação – é não saber em quem acreditar. Vejamos os envolvidos. César Maia, Sérgio Cabral, Eduardo Paes, Carlos Nuzman. Todos são políticos brasileiros e, como tais, não merecem confiança. Porque no DNA dos nossos

⁵⁷ Estes posicionamentos apareceram em alguns blogues jornalísticos e, com maior frequência, nos blogues de torcedores botafoguenses.

⁵⁸ HABIB, Lucas. A diferenXa. *Aliança Alvinegra*, 7 mai. 2013. Disponível em: <<http://www.aliancaalvinegra.com/2013/05/a-diferenca-2>>. Acesso em 4 ago. 2014. Também mencionado em: ARAÚJO, Caio. Notícias do vento. *Bate-bola alvinegro*, 06 mai. 2013. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rj/torcedor-botafogo/platb/2013/05/06/noticias-do-vento/>. Acesso em 20 mai. 2014.

⁵⁹ BETING, Mauro. Engenheirão. *Blog dos colunistas*, 27 mar. 2013. Disponível em: <http://blogs.lancenet.com.br/maurobeting/2013/03/27/engenheirao/>. Acesso em 21 mai. 2014.

políticos profissionais, o modo de operar é um só: utilizar o interesse público como plataforma, esquecê-lo ao chegar ao gabinete, e capitalizar. Capitalizar muito.⁶⁰

Este discurso que generaliza negativamente o universo da política é recorrente nos veículos de comunicação hegemônicos do Brasil. E, como neste caso, extrapola o âmbito da cobertura específica do tema. Esta visão negativa e generalizante a respeito do país também é abordada na próxima seção.

5. Conclusões

Neste artigo, expusemos e analisamos a discussão sobre o fechamento do Engenhão pela Prefeitura do Rio de Janeiro em blogues vinculados a grandes empresas de comunicação. Diferentes pontos de vista e temas foram mobilizados pelos jornalistas para narrar, explicar e, principalmente, criticar o acontecimento. Eles lançaram mão de distintas formas de contextualização para apresentar possíveis causas e consequências da medida, além de discutir as responsabilidades pelo ato e pela situação anterior (às vezes remetendo ao período da construção, bem como a discursos de dirigentes políticos e esportivos justificando a candidatura da cidade e do país a sediar eventos esportivos); o cenário macro de candidatura, organização e realização de megaeventos esportivos na cidade e no país; os problemas da administração estatal e das entidades esportivas, bem como a imagem negativa com que os dirigentes destas instituições muitas vezes são vistos pela população; as relações entre empreiteiras e poder público.

De forma geral, as falas encontradas pareceram demonstrar revolta, mas não surpresa diante da interdição. A maioria fica entre duas possibilidades: a) são contundentes, mas não apresentam (nem parecem buscar) informações básicas que

⁶⁰ KFOURI, André. Camisa 12. *Blog dos colunistas*, 29 mar. 2013. Disponível em: <http://blogs.lancenet.com.br/andrekfour/2013/03/29/camisa-12-137/>. Acesso em 22 mai. 2014.



permitam ao leitor compreender de forma clara as relações que estão sendo criticadas; b) se limitam a fazer insinuações e perguntas (para as quais, como argumentamos, dificilmente o próprio jornalista buscará respostas).

Não obstante, um possível motivo reside nas próprias características da abordagem do esporte nos veículos de comunicação hegemônicos. Discutindo a cobertura nos EUA, McChesney (1989) afirma que o esporte é um tema que *cai bem* na mídia comercial porque frequentemente é abordado sem se discutir aspectos como política, corrupção e *doping*, o que combina com os interesses de uma mídia que quer vender a todos e se pretende, entre outras características, apaidária e comprometida com a objetividade. Gruneau (1989) afirma que, na cultura profissional do jornalismo na América do Norte, problemas e conflitos são considerados importantes notícias. Contudo, no noticiário esportivo é diferente. A ênfase é colocada na ocorrência regular de eventos e no inerente caráter positivo dos mesmos. Neste sentido, qualquer atividade que *atrapalhe* o curso dos eventos é tida como negativa: boicotes, acidentes, greves, intervenções políticas ou religiosas, fenômenos meteorológicos etc. (p. 146). Até onde sabemos, ainda estão por se fazer estudos que explorem tais aspectos no Brasil.



6. Referências bibliográficas

Albuquerque, A.; Soares, R.F. (2004). Notícias de Notícias: Notícias do Planalto, memória e autoridade jornalística. *Comunicação & Política*, Rio de Janeiro, nova série, v. XI, n. 1, p. 135-69, jan.-abr.

Almeida, B.S.; Marchi Jr., W. (2014). O Brasil e os megaeventos esportivos: os subsídios da política externa. *Motrivivência*, v. 6, n. 42, p. 13-26, jun.

Amaral, A.; Recuero, R.; Montardo, S. (org.) (2009a). *Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009a.

Amaral, A.; Recuero, R.; Montardo, S. (2009b) Blogs: mapeando um objeto. In A. Amaral, R. Recuero, S. Montardo (org.). *Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial. p. 27-53.

Curi, M (2012). Espaços de emoção: Torcedores nos estádios. In: Encontro Anual da ANPOCS, 36, 2012. Águas de Lindóis, SP. Anais....

Damo, A.S.; Oliven, R.G. (2013). O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 E 2016: sua cara, seus sócios e seus negócios. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 19, n. 40, p. 19-63, jul.-dez.

Fortes, R.; Albuquerque, A. (2006). O jornalismo e a obrigatoriedade do diploma: negociando as fronteiras da comunidade jornalística no Brasil. *Comunicação e Sociedade*, Braga, vol. 9-10, p. 169-188.

Gruneau, R. (1989). Making Spectacle: A Case Study in Television Sports Production. In





L. Wenner (ed.). *Media, Sports & Society*. Newbury Park: Sage. p. 134-154.

Jago, L. et al. (2010). Optimising the potential of mega-events: an overview. *International Journal of Event and Festival Management*, v. 1, n. 3, p. 220-237.

Mascarenhas, G. (2009). Globalização e espetáculo: o Brasil dos megaeventos esportivos. In: M. Priore; V.A. Melo (org.). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Ed. UNESP. p. 505-533.

McChesney, R.W. (1989). Media Made Sport: A History of Sports Coverage in the United States. In: L. Wenner (ed.). *Media, Sports & Society*. Newbury Park: Sage. p. 49-69.

Pampuch, M.; Almeida, B.S.; Marchi Jr., W. (2012). Os legados estruturais dos Jogos Olímpicos (1992-2008): uma revisão de literatura. *Cadernos da Escola de Educação e Humanidades*, v. 1, n. 7.

Quadros, C.I.; Sponholz, L. (2006). Deu no blog jornalístico: é notícia? *Intexto*, Porto Alegre, v. 2, n. 15, p. 1-14, jul.-dez.

Rubio, K (2010). Postulações brasileiras aos Jogos Olímpicos: considerações acerca da lenda do distanciamento entre política e Movimento Olímpico. *Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales*, v. XV, n. 895 (10), 5 de noviembre.

Santos, G.F. (2009). O discurso midiático dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 e a candidatura aos Jogos Olímpicos de 2016: o “trampolim” do Brasil. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, v. 8, n. 1, p. 155-162.

